

Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos
Igreja Metodista do Mirante
Porto – 18/01/2012

**“TODOS SEREMOS TRANSFORMADOS PELA VITÓRIA DE NOSSO SENHOR JESUS
CRISTO” (I Cor. 15, 51-58)**

Rev^o. Sifredo Teixeira, Bispo da Igreja Evangélica Metodista Portuguesa
Senhor D. Pio Alves, Bispo do Porto
Pedro Eisele, diácono responsável da Igreja Evangélica Alemã do Porto
Rev^{os} Presbíteros e Pastores
Prezadas Irmãs e Irmãos,

Que a paz de Cristo ressuscitado seja convosco. *Ámen.*

Tem sido sempre sob um forte sentido de responsabilidade e de profunda humildade que, ao longo de 40 anos completados nesta Semana, me apresento quando sou chamado a falar nestas celebrações. E esta vez não foge à regra, tanto mais que o tema deste ano nos convida a refletir sobre a transformação que nos vem da vitória de nosso Senhor Jesus Cristo, um tema que me é muito caro e perante o qual procuro compaginar o meu comportamento como cristão.

A perícopes escolhida pelas Igrejas da Polónia refere o modo como o Apóstolo Paulo procura explicar aos cristãos de Corinto o mistério da morte à luz da fé, *“eis que vos digo um mistério: nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados, num momento, num abrir e fechar de olhos, ao ressoar da última trombeta. A trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados”*. Paulo faz-se eco da tradicional cenografia apocalíptica “o som da trombeta” e parece que tinha a esperança de ser testemunha da vinda do Senhor na sua vida. Em tudo isto, o Apóstolo pretende explicar a ressurreição dos mortos como sinal da vitória da vida sobre a morte outorgada pela ressurreição de Jesus Cristo.

A vitória leva-nos ao entusiasmo celebrativo, tão a jeito do gosto comum. Permite, antes, que vos fale na ação transformadora de Deus, através da oração e reflexão como caminho para a compreensão e o crescimento da fé. É que, como explica o teólogo Hans Kung, “para Jesus, Deus jamais atua exclusivamente num âmbito ‘sobrenatural’. Deus opera no meio do mundo e cuida acima de tudo o que rodeia o homem, grande ou pequeno, pelo que resulta supérflua qualquer preocupação angustiada pela própria sorte”¹. Na verdade, o centro da mensagem de Jesus está na proclamação *“o Reino de Deus está próximo”*, enfatizando quer a sua *chegada* quanto

a sua *proximidade*. Jesus diz-nos que Deus é um ‘Deus dos homens’, apresentou-O como salvação para a humanidade e viveu e pregou a soberania de Deus referindo-se a Deus na sua relação com o homem e ao homem na sua relação com Deus. O teólogo dominicano Shillebeeckx refere-se a esta relação mútua entre Deus e o homem como “uma realidade que se vive de modo tanto teológico como antropológico”ⁱⁱ. Fixemo-nos, então, em três narrativas do Evangelho em que Jesus nos explica como podemos ser “transformados” à medida que crescemos em fé.

A primeira, do evangelho de João 3, 1-21. Jesus é procurado por Nicodemos, um fariseu chefe dos judeus, que explica a sua dúvida acerca da identidade de Jesus *“ninguém pode fazer as obras que tu fazes se Deus não estiver com ele”*, isto é, reconhece nas palavras e ações humanas de Jesus uma marca divina. Jesus responde-lhe: *“ninguém pode ver o Reino de Deus se não nascer de novo”*. Eis o cerne da *‘transformação’* que Jesus nos propõe, decorrente da nossa relação de intimidade com Deus, de escuta e de obediência à Sua vontade. O que Jesus nos propõe é a transformação da nossa condição humana, pecadora, por um estado de vida em que o nosso olhar é purificado pelo colírio da sua presença no nosso coração. É esta a transformação interior que nos leva a ver em Jesus a condição de filho de Deus expressa no olhar misericordioso e na condição profunda sobre a natureza humana. Nesta circunstância, somos convidados a perceber a nossa fragilidade, mais do que a nossa sabedoria, a nossa riqueza ou o nosso poder e a compreender que o que quer que sejamos na nossa vida, em termos de sucesso ou vitória, tudo depende da acção divina em nós. Nesse “nascer de novo” está o cerne de uma vivência tocada e alimentada por Deus. Como Paulo experimentou e escreveu na sua segunda carta aos Coríntios, 12, 8-10, em resposta ao pedido elevado ao Senhor a propósito do que ele identificava como um “espinho na carne”, recebeu de Deus a seguinte resposta: *“a minha graça te basta. Pois a minha força manifesta-se melhor na fraqueza dos homens”*. E o Apóstolo conclui: *“Acho muito melhor orgulhar-me das minhas fraquezas, para que a força de Cristo desça sobre mim”* e diz *“Alegro-me, portanto, com as fraquezas, as injúrias, as privações, as perseguições e as angústias que passei por amor de Cristo”* e enfatiza: *“quando me sinto fraco, então é que sou forte”*. Ora, para que a nossa condição humana se transforme à luz da fé exige que façamos um esforço por compreendermos o nosso presente e nos compreendermos a nós próprios em todas as dimensões da nossa existência: razão e coração, consciência e subconsciência, história e sociedade, ciência e cultura.

A segunda narrativa, do Evangelho de Mateus 19, 16-22. Um jovem rico aproxima-se de Jesus perguntando-lhe que havia de fazer para conseguir a vida eterna. Depois de indagar do cumprimento dos mandamentos da lei de Moisés por parte do jovem, Jesus responde-lhe: *“se queres ser perfeito vende tudo o que tens e dá o dinheiro aos pobres. Ficarás assim com um tesouro nos céus. Depois, vêm e segue-me”*. E o jovem foi-se

embora triste porque era rico. A transformação da primeira narrativa refere-se à interioridade da pessoa, a desta tem a ver com o comportamento.

Não há nada mais difícil para uma pessoa de riqueza firmada do que o despojamento do que lhe pertence pela ajuda sincera e sem interesses aos outros. A história da humanidade é bem a imagem da dificuldade sentida por aquele jovem e até por muitos dos ricos que conhecemos. Todos gostamos de exibir a nossa “riqueza”, mas muito poucos ou quase nenhuns se preocupam em partilhá-la. Nesta crise económica, financeira e social em que nos encontramos, dizem-nos as estatísticas que é cada vez maior o fosso entre pobres e ricos e que à cabeça da lista de países em que esse fosso mais se alarga está o nosso País. E isto não obstante toda a espécie de solidariedade que os órgãos de comunicação social nos mostram como sinais de preocupação social. O que está em causa, não é uma mera transferência de dinheiro ou de bens de umas pessoas para outras, mas, a necessidade de uma visão do coração, uma vontade interior que transforme o possuidor de bens em usuário desses bens, porque todos os bens pertencem a Deus. Além disso, importa que os que mais têm se apercebam de que são parte do mundo em que existem os que nada têm. Isto não é um imperativo moral, pois, nem os ricos em si mesmos são maus, nem os pobres enquanto tal são bons. Muito mais do que isso, esta é uma questão de fé e de aceitação da soberania de Deus. A transformação para que Jesus nos aponta é a da substituição da nossa mentalidade de proprietários, possuidores de bens, por uma compreensão da riqueza como algo a ser usado, como mordomos, no contexto da fraternidade humana de que todos somos parte.

A terceira narrativa, segundo S. Marcos 10, 35-45. Tiago e João, filhos de Zebedeu, queriam ocupar os dois primeiros lugares quando Jesus estivesse no seu Reino Glorioso. Jesus respondeu-lhes: *“vós não sabeis o que me pedis”*. Gerou-se a confusão entre os outros discípulos, de tal forma que Jesus teve de intervir dizendo *“os que governam os povos têm poder sobre eles e os grandes são os que mandam neles. Mas entre vós não pode ser assim. Pelo contrário, aquele que quiser ser grande deve servir os outros, e aquele que quiser ser o primeiro deve ser o criado de todos”*. Esta é a questão do poder.

Olhemos para Jesus em dois momentos cruciais da Sua vida. No deserto, ao contemplar os reinos do mundo que lhe seriam dados se adorasse o diabo, que rejeita porque *“só a Deus adorarás”*. No tribunal, em frente de um Pilatos admirado com o seu silêncio *“Não sabes que tenho poder para te soltar e para te mandar crucificar”*, a que Jesus responde: *“Não terias qualquer poder contra mim, se Deus não to desse”* (S. João 19). Estes dois momentos da vida de Jesus mostram-nos que na vivência da fé há uma distinção entre autoridade e poder. Demonstra-nos que Jesus tinha autoridade – reconhecida pelo povo nas suas palavras e ações – mas que era destituída de poder. A Sua autoridade baseava-se na excelência da misericórdia, no cuidado para com os mais fracos, na aceitação dos mais necessitados. E disse uma vez: *“não são os que têm*

saúde que precisam de médico, mas sim os doentes. Eu não vim para chamar os justos, mas sim os pecadores, para que se arrependam” (S. Luc.5,32).

Em resumo, nestas 3 narrativas encontramos os caminhos para a ocorrência do Reino de Deus numa humanidade transformada. É essa ao serviço de que, como Igrejas, nos devemos empenhar e trabalhar unidos, ao redor de Jesus, “o homem que se compraz em Deus”ⁱⁱⁱ. Na verdade, a unidade dos cristãos para que o mundo creia e se transforme radica em atitudes de conversão e renovação interior, pela aceitação da soberania de Deus, para que vacilem as verdades e convicções a que nos agarramos; exige um espírito de despojamento tanto em bens materiais como na aceitação mútua à luz da misericórdia compassiva e da bondade generosa de Deus, que se opõe a todas as formas de sofrimento e pecado; pede-nos que nos firmemos na autoridade da Palavra revelada que une e aconchega, ao invés de atitudes de poder que separam e provocam sofrimento. Numa palavra, a transformação a que Jesus nos chama radica na nossa permanente conversão e autocrítica, confrontando-nos com as nossas falhas. Ainda, como crentes, qualquer que seja a comunhão eclesial a que pertencemos, com escreveu o Sr. Arcebispo de Cantuária, na Carta de Advento de 2011, *“temos de ter a precisa humildade para compreender que todos vivemos em Igrejas imperfeitas, que todos precisamos de conseguir juntos em esperança a plena presença do nosso Senhor, e que todos, por tanto, devemos estar desejosos de receber uns dos outros quaisquer dons de Deus que nos podem ser dados através deles”*.

Assim nos faremos verdadeiras testemunhas do Senhor ressuscitado e instrumentos de revelação de caminhos e valores, mostrando ao mundo ávido de compreensão e amor que não há mundo sem Deus.

Que assim seja. Ámen.

ⁱ Hans Kung in “Existe Deus? Resposta ao Problema de Deus no nosso Tempo”, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1979, pág 913.

ⁱⁱ Edward Shillebeeckx in “Jesus – La Historia de un Viviente”, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1981, pág. 127

ⁱⁱⁱ Idem, pág 127